



Editorial

Número Temático: Antropologias e Educação Matemática: diálogos (im)pertinentes

É comum em pesquisas na Educação Matemática termos diálogos com outras áreas como História, Filosofia e Psicologia. É comum em cursos de Licenciatura em Matemática disciplinas como Psicologia da Educação ou Psicologia da Educação Matemática, História da Educação, ou História da Matemática ou História da Educação Matemática, ou Filosofia ou Filosofia da Matemática, ou Filosofia da Educação Matemática. Entretanto, diálogos com a disciplina Antropologia não são tão comuns, bem como disciplinas na Licenciatura em Matemática, explicitamente relacionadas à Antropologia.

A partir dos anos 90 do século XX, investigações na área de Antropologia se dedicaram em problematizar pilares e pressupostos de pesquisas que até então eram realizadas. Sob a narrativa de uma virada ontológica na Antropologia, tendo como três de seus principais autores, Eduardo Viveiros de Castro, Bruno Latour e Philippe Descola, um esforço teórico do fazer antropológico teve como foco matrizes relacionais do pensamento e ação dos humanos. De modo sucinto, ideias e conceitos centrais de povos originários são/estão diferentes e distantes de ideias e conceitos de povos ocidentais. Logo, há uma necessidade de problematizações de projetos da modernidade que se constituem (ainda) como centro de produções de verdades e cosmovisões de mundos.

Viveiros de Castro, em seu livro *Metafísicas Canibais*, apresenta uma consideração de Lévi-Strauss a respeito de diferentes modos de lidar com o outro, este que se apresenta um pouco mais distante dos outros que costumamos nos relacionar. Ele escreve:

Nas Antilhas, alguns anos após o descobrimento da América, enquanto os espanhóis despachavam comissões de inquérito para saber se os indígenas possuíam alma ou não, estes tratavam de submergir prisioneiros brancos, para verificar, com base numa longa e cuidadosa observação, se seus cadáveres apodreciam ou não. (Lévi-Strauss, 2017, p. 343 *apud* Viveiros de Castro, 2018, n.p.)

Entre múltiplas problematizações com essa ideia, podemos multiplicar alguns delineamentos nas seguintes direções: e se, em uma sala de aula de matemática, os outros (em nosso caso, os

estudantes) operarem na intensidade explicitada por Lévi-Strauss? E se operássemos um projeto político-econômico-pedagógico de educação matemática no qual sua centralidade não se situasse em uma essência identitária manifestada em representações (o conteúdo matemático), tendo como objetivo último a aprendizagem? Como seria uma educação matemática sem aprendizagem? É suficiente, diante das demandas e problemáticas do Antropoceno, operar um projeto político-econômico-pedagógico de educação matemática sob pressupostos de um sujeito professor (centrado, antropocentrista, consciente, dominador de conhecimentos Matemáticos) que ensina conteúdos de Matemáticos (essencializados por meio de representações, higienizados, descorporificados, produtos por vezes de um projeto colonial eurocêntrico) para sujeitos estudantes (recebedores de conteúdos Matemáticos, produtores de avaliações externas)?

Que efeitos podem essas perguntas (im)pertinentes?

Acreditamos que movimentos com/na/pela Antropologia podem ser frutíferos para investigações em Educação Matemática, pois em nossa área também acontece um movimento de colocar em suspensão pressupostos basilares do que seria a própria matemática, bem como seus atributos e adjetivações, como a neutralidade e a universalidade. Parece-nos que ainda são hegemônicas práticas de educação matemática centradas na produção de um tipo específico de sujeito.

Neste número temático temos investigações que movimentam diálogos com teorizações antropológicas. Em diálogos (im)pertinentes, nos entres de educação matemática e antropologias, ensaios, pesquisas, fabulações, ficções, simplesmente, acontecem. Autoras e autores de diferentes partes do Brasil (e também de outros países) apresentam diálogos (im)pertinentes em diferentes espaço-tempo-matérias problematizando e sendo problematizados, afetando e sendo afetado por entre humanos, não-humanos, práticas, histórias, Gaia, entre outros agentes que compõem e se compõem relacionalidades.

Agradecemos todas as autoras e autores que contribuíram para esse número temático, bem como todas e todos os consultores que nos ajudaram no processo de avaliação dos artigos. Também gostaríamos de explicitar nossos agradecimentos a toda equipe da REVEMAT que acolheu este projeto e que contribui para a publicização de pesquisas em educação matemática.

Nosso desejo é de que diálogos (im)pertinentes outros possam ser inventados em antropologias e educação matemática.

Referências

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural: Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições, Edição Kindle sem paginação, 2018.

Editores Convidados